

Fundação de São Paulo

— Fernando Whitaker da Cunha —

"Mas já é tempo de opor embargos a esse acintoso demudamento dos fatos, a esse sistema de escrever a história, como se armam palanques de feira com sarrafos pintados e apoteoses de papelão" — Rui.

"Devem ser os historiadores pontuais, verdadeiros e em nada apaixonados, nem o interesse, nem o medo, nem o rancor ou a afeição lhes faça torcer o caminho da verdade. — Cervantes.

de chefe Martim Afonso de Souza, da vila de São Vicente, ao mesmo tempo que da povoação que no planalto de Piratininga mais tarde havia de tomar com sua reconstrução e aumento pelos jesuitas de Manuel da Nóbrega, o nome de São Paulo. Isso porque, como lapidamente o delucidou, em "Brotérias", o conspícuo padre Serafim Leite, a capital bandeirante nasceu de uma pluralidade de agentes.

O insigne Taunay não discrepa dessa tese ao considerar Nóbrega, "o mais ilustre dos fundadores de São Paulo, com o que estamos de acordo. Já o padre Fernando Pedreira de Castro ("O Pátio do Colégio") esclarece que, no seu entender, o principal dos fundadores foi Anchieta. O Coronel Pedro Dias de Campos, também, em "O incola e o Bandeirante na História de São Paulo", sem citar nomes, faz a grande metrópole surgir das volições sintonizantes do branco e do índio (pág. 69).

Lavrrou Anatole France, com aquêle seu estilo inquieto e ático, que a abundância de documentação confunde, por vezes, o historiador.

E' o que se dá "a grosso modo", com o tema em epigrafe, motivo pelo qual deve ser observador do seu jôgo histórico mais que um historiador, um historiólogo. Toda fundação (e lembre-se a afirmativa de Max Weber de que a cidade está na origem das instituições sociais permanentes) é uma convergência de esforços, uma comunhão de vontades, um feixe de inclinações, ideais e objetivos.

Quando isso lhe falta succumbe, inevitavelmente, Antonio Prarollo, o erudito

biógrafo de Augusto, verdadeiro "schollar" do Renascimento, distinguiu, apoiado em Coulanges, a fundação material que gerava a "urbs", da moral que criava a "civitas" (2), conceitos que, sem dúvida, empolgavam as características temporais e espirituais. A existência da classificação apontada, devidamente estruturada, é que configura verdadeiramente o ato de instituir. Para que se possa atribuir a fundação de São Paulo a uma só pessoa é necessário que ela, somente ela, tivesse se encarregado de planejá-la e de providenciar-lhe o lançamento dos alicerces. E' interessante registrar, que nenhum daqueles apontado como fundador tenha se atribuído essa imarcessível glória. Anchieta, em carta, considerava Tibiriçá "Fundador e conservador da Casa de Piratininga", em fase em que "cada dia bebíamos muitos tragos de morte". Nóbrega, por sua vez, (apud Tito Lívio Ferreira, op. cit. pág. 163), exara: "Ontem que foi dia da Degolação de São João (29 de agosto de 1553) vindo a uma aldeia onde se ajuntam novamente e se apartam os que se convertem e onde pus dois irmãos para doutrinar, fiz solenemente uns 50 catecúmenos etc.". Ora, até então Nóbrega não tinha visitado os campos de Piratininga, pois chegara em São Vicente em fevereiro dêsse mesmo ano, em companhia de Tomé de Souza, e, por conseguinte, sua locução "vindo a uma aldeia", não deixa de ser significativa. Que aldeia era esta que Nóbrega já encontrou formada e quem a teria localizado aí? A resposta quanto à primeira parte da pergunta se resume em esclarecer que

Ser historiador significa, antes de mais nada, colocar-se o erudito — a esse fim dirigido — numa determinada posição crítico-axiológica, numa perspectiva que lhe permita, observador atento dos fatos sociais, uma "concepção de vida" (e de comportamento) como o queria Santo Thomaz de Aquino com relação à ciência-arte de governar. (Tristão de Athayde — "Política").

Por esse motivo o mero colecionador e descobridor de documentos, vem apenas fornecer material aos verdadeiros historiadores (que também podem acumular sem desdouro essa função tabeliaria) para recompoem a História dentro de uma visão dinãmica das coletividades, como é, por exemplo, a de Sorokin. Eis as razões pelas quais se pode considerar obras como "O Patriarca e o Bacharel", de Luis Martins, trabalho de agudo conhecedor dos fatos históricos que abordou e de perspicaz escafandrista de seus fundamentos. Dessas qualidades não se pode compreender o provector Sr. Anibal Freire, cujo livro "Historiadores do Século XX" peça pela carência de atualização dos estudos históricos de seu autor (não consegue, entre outras coisas, sentir o sópro lírico de Tovmbee), por sua não penetração filosófica nas obras dos escritores compilados, pela errônea catalogação de certos nomes, pela defesa de conceitos cediços de História como o restrito "é o passado na medida em que pudemos conhecê-lo", que encontra êmulo neste "é o registro escrito de ocorrências passadas que dizem respeito à humanidade", apresentado por M. L. Timothy, no trabalho "História e Literatura".

Em História, como o pensou Santo Agostinho, o Tempo não tem rígidas fronteiras, e, a respeito, interessante é o livro de Berdiaeff, "O Mal do Tempo". Ela é sempre Ontem, no ontológico sentido de que este absorve, de contínuo, o Presente o pode condicionar o futuro. Não se pode, consequentemente, nessa congênita, olvidar Heidegger, a maior lacuna da auproferida pelo Sr. Anibal Freire é a clamorosa e inescusável omissão de

alguns importantes historiadores, preteridos por outros de notória obscuridade. De sua preleção, entre outros, não fazem parte os gaúchos Aurélio Pôrto e Dante de Laitano, os mineiros João Dornas Filho e Salomão de Vasconcelos, o carioca Adolfo Moraes de Los Rios Filho e os paulistas Iande Almeida Prado e Tito Lívio Ferreira, cujo ensaio biográfico "Padre Manuel da Nóbrega — Fundador de São Paulo", é um dos mais significativos estudos de nossas letras históricas de hoje, sobre delicado tema que merece constante reexame por penas como a de seu ilustre autor, que sabe, numa linguagem visceralmente artística, demonstrar as qualidades de historiador no mais alto sentido da expressão. E' verdade que, no supramencionado livro, o problema da Fundação de São Paulo é abordado apenas de passagem, como um incidente na vida de Nóbrega (de quem disse, Serafim Leite que sua única reliquia incontestada é a urbe piratiningana) e isso porque seu "leit motiv" é a vida do grande jesuíta e não unicamente suas atividades no altaneiro país dos paulistas (1-A). A mim me parece, entretanto, que a "questão da fundação" envolveria sempre nuances insuperáveis e irredutíveis a quaisquer esquematizações, mas será sempre um passado que pode ser pôsto a serviço do presente, como o queria Nietzsche ("O Uso e Abuso da História"). E' evidente que, para conhecermos os primórdios da civilização planaltina, é necessário que tenhamos em vista os primeiros documentos que revelavam os planos portugueses com relação ao Brasil, como o Regimento de Tomé de Souza, os poderes de Martim Afonso, que merecem cuidadosa exegese de Sigismundo Kahn, o Diário de Pero Coelho de Souza, e as cartas e relatórios de clérigos e colonizadores que portavam observações interessantíssimas Terra, ao lado de flações e sugestões oportunas quanto ao Homem. A grande expedição colonizadora de Martim Afonso de Souza a qual era destacado membro do Conselho de El-Rei Nosso Senhor, preocupando-se natural e fundamen-

talmente com o sul das terras descobertas, teve o indisputável condão de para ele chamar a atenção das consciências, mormente com relação à Capitania de São Vicente, da qual era donatário o mencionado fidalgo, espôso da granítica D. Ana Pimentel, e que teve como capitães-mores, homens da estirpe de um Gonçalo Monteiro e de um Antônio de Oliveira.

Desdê o começo de sua história a civilização brasileira tem se deslocado do Norte para o Sul, num movimento quase que heliotrópico. Com as mortes de Mem de Sá e o trágico desaparecimento de Luis de Vasconcelos, a colônia que para nós ela o foi sob os decisivos critérios jurídico e econômico) passava já a ter dois Governos Gerais, um com sede na Bahia, chefiado por Luiz de Brito, outro fundeado no Rio de Janeiro e que teve como primeiro titular o Dr. Antônio Salema, que se destacou no combate aos índios revoltados.

Em 1763 já esta última cidade passava a ser definitivamente capital do verdadeiro continente que Portugal sabia escondido atrás do mar-oceano. O motivo da paulatina deslocação de pólos acima referido é que o sul favorecia maiores possibilidades de penetração para o interior das terras que melhor atendiam aos interesses da nação descobridora, como o positivou, mais tarde, a rude saga das Bandeiras. Fundando a primeira Piratininga (e teria havido a segunda? e esta não teria sido a recomposição da primeira?) no altiplano paulista (térmo que o padre Vieira foi o primeiro a usar, segundo Aureliano Leite, "in" "Revista da Academia Paulista de Letras") revelou Martim Afonso além de uma aguçada visão, uma orientação a ser seguida. Tal foi, em síntese, o itinerário sociológico seguido pelo padre Manuel da Nóbrega tão bem exposto no volume de Tito Lívio Ferreira, sobre o qual estamos tecendo estas considerações. Em meu livro "O Conceito de História", pág.

47, esclareci que para uma certa corrente científica, as civilizações dos planaltos, por serem éstes geralmente de difícil acesso, geram no homem melindres de autonomia e de auto-suficiência, e exemplifiquei com São Paulo, como poderia tê-lo feito com outras comunidades. Na verdade, mesmo os historiadores paulistas, com raras e dignas exceções, não fugiram a esta curiosa regra de Geografia Humana, portanto susceptibilidades próprias de donos da verdade histórica. As mais dispareces opiniões são expressas com incômodo dogmatismo. Dêsse mal não se afetou Tito Lívio Ferreira que procura e mesmo facilita o diálogo como um insuperável veículo de cultura, fugindo desta forma à intransigência e ao sectarismo de espíritos científicos. Poucos os "historiadores" paulistas que seguiram a lição do precursor Frei Gaspar da Madre de Deus, que, vivendo mesmo numa época de superstições e intolerância e (mesmo de venerandas cincadas), deu às suas "Memórias para a História da Capitania de São Vicente" um desenvolvimento rigorosamente crítico como suas hipóteses, posteriormente comprovadas, sobre a origem dos sambaquis e sobre as pegadas do homem pré-histórico, temas tratados com a costumeira proficiência por José Anthero Pereira Júnior, em seu "Nótulas e Comentários Arqueológicos e Etnográficos".

A nosso ver, à magna pergunta "quem fundou São Paulo?" não se pode responder simplesmente: Anchieta, como o fez Salvador Lopes Herrera a Nunes de Vilhena; Nóbrega, como solene e vigorosamente o defende Tito Lívio Ferreira; João Ramalho, sobre quem parece incidir as preferências de Guilherme Almeida; Tibiriçá como chegou mesmo a escrever Anchieta; Martim Afonso de Souza, como evangelizaram Jaime cortezão e Hernani Cidade (este no livro "O Bandeirismo Paulista na Expansão Territorial do Brasil"; "A fundação pelo mesmo gran-

era uma taba indígena reunida, mas quanto à segunda só pode vibrar no campo sonoro das hipóteses. Consigne-se a passagem, que o Padre Leonardo Nunes, o "Abarabebe" e de quem disse Nóbrega: "Ele é forte na pregação e quando vamos juntos ele me parece meu Aarão e eu o meu Moisés", foi a roupeta pioneira que pisou o planalto, em 1550 (como se pode facilmente verificar na importante significativa carta de Anchieta abaixo transcrita) e seu importante papel ainda não foi devidamente estudado. Eis a epístola citada: "Para sustento dêsstes meninos (do Colégio da Vila de São Vicente) a farinha da pau era trazida do interior, da distância de 30 milhas. Como era muito trabalhoso e difícil, por causa da grande aspereza do caminho, ao nosso Padre Nóbrega) pareceu melhor no Senhor mudarmo-nos para esta povoação de índios que se chama Piratininga. Isto por muitas razões: primeiro por causa dos mantimentos, depois porque se fazia nos portugueses menos frutos do que se devia, ainda que logo ao princípio o trado do Padre lhes trouxe a maior vantagem, como será fácil entender do Padre Leonardo, que foi o primeiro da Companhia a vir para cá e especialmente porque se abriu por aqui a entrada para inúmeras nações, sujeitas ao jugo da razão. Por isso alguns dos irmãos mandados para esta aldeia no ano do Senhor de 1554, chegamos a ela a 25 de janeiro e celebramos a primeira massa numa casa pobrezinha e muito pequena no cã da Conversão de São Paulo, e por isso dedicamos ao mesmo esta nossa casa".

Curial que pela disciplina da Companhia de Jesus, cuja ação nunca é de se louvar demais, ao Superior cabe a direção dos outros padres, e não faltava a Nóbrega cultura, discernimento e senso para ser o Maioral com foros de estadista, como, aliás, muito bem o viu Tenório de Brito. Era a Companhia uma ordem militarizada até nos métodos de conquista das almas, que possuíam saber tático, precipuamente numa era em que se vivia perigosamente e se tornava mister usar estratégia para so-

(Continua na 8.ª pag.)

Correio Popular - 25-I-62

comp. 2. 1. 6. 83-1

(Conclusão da 4.ª pag.)

trano), jugulado pelos excessos de Brasília Machado, Joaquim Nabuco, Eduardo Prado, Américo Novais, que tiveram precursores em Simão de Vasconcelos e Quirino Caixa e que faziam Anchieta absorver todo o mérito da Fundação de São Paulo. É preciso evitar, porém, cair em outros extremos. A Nóbrega, nem o milagre faltou, como o da fonte que fez surgir, para ser uma criatura de exceção e com meritos extraordinários e seu programa de ação, como bem o mostrou Tito Lívio Ferreira, era de um pedagogo, de um sociólogo, de um político na real acepção do termo. Mas Anchieta, nesse diorama, surgiu como o anotou o ilustre Padre Fernandes Pedreira de Castro S. J., em sua bem elaborada "Crônica da Igreja no Brasil" (livro que no gênero, disputa em interesse com "Páginas da História Religiosa do Brasil", de Nelson do Senna, e com "Religião" de oratoriano Júlio Maria, trabalho em que se defende a curiosa tese que dos três períodos de nossa formação social: colonial, o imperial e o republicano, o mais propício para o nosso desenvolvimento espiritual foi primeiro, o mais nocivo o segundo, sendo o terceiro um meio termo. Advirta-se, entretanto, com Tristão de Athayde que "ainda está por escrever a história religiosa de nossa terra".

Realmente, não temos, na matéria, obras definitivas como foi a de Jansen, para a Alemanha, a de Lingard, para a Inglaterra, a de Pastor sobre o Papado renascentista, qual uma figura admirável e imensa "amplificando e intensificando com a sua grande alma o trabalho de seus irmãos", ou como o viu Vilhena de Moraes, como "o primeiro humanista da América e o primeiro americanista do mundo". Nóbrega, escrevemos em estudo citado por Aureliano Leite na "História da Civilização Paulista", era um lógico, um cerebral, um analista dos acontecimentos e dos homens, dos quais extratava preciosas lições, Anchieta tinha o sopro lírico que fecundava. Era um intuitivo, um sentimental, um poeta até as lágrimas. Era mais coração do que cérebro. Nóbrega era raciocínio e pensamento Anchieta emoção e sensibilidade. Um era o escopo que trabalhava a pedra inóspita, outro a alma do artista que esculpia. Um era um Homem, outro possuía em si a capacidade de expansão cósmica, dos santos, dos rapsodos, e dos heróis. Quando Capistrano confessou que mais admirava Nóbrega, quanto mais se aprofundasse em Anchieta, quis significar que a direção firme do primeiro permitiu e mesmo provocou a ação inefável do segundo". Fundar é, pois, ato complexo como se viu em Piccarollo. Poder-se-á, por conseguinte, atribuir somente a Nóbrega a "urbs" e a "civitas" piratininganas, sob o pretexto de que, pelo regulamento da Companhia era ele o Superior e os outros clérigos lhe obedeciam? Não, pensamos. O

historiador deve encarar a espécie pela ação singular de cada participante do acontecimento, como um ser capaz também de arbítrio, de idealizar e de plasmar seu anseio, e não apenas como simples peça de um mecanismo. A argumentação oposta pode conduzir ao exagero, por dedução, de se atribuir influência decisiva de Simão Rodrigues e mesmo de Lofóla, em nossa fundação. Dizer, apenas que Nóbrega é seu autor, Anchieta seu consolidador e Paiva seu inaugurador, é cair nos desvãos da terminologia, nem sempre decisivos, e no caso dos sinônimos, sem relegar irmãos como Antônio Rodrigues, o primeiro docente, Afonso Braz, o primeiro construtor, Mateus Nogueira, o primeiro ferreiro, e Gregório Serrão, o primeiro médico, todos participando da vida de São Paulo desde os primeiros vagidos de sua fundação pela cruz. Poder-se-ia ter por instituída São Paulo sem as colaborações citadas, às quais são de se acrescentar as pulsantes dos silvícolas e as destemidas dos elementos reinóis, todos homeriadas de uma epopéia só?

Há historiadores, por outro lado, que julgam apenas ter-se consumado a fundação com a instalação da Câmara, como símbolo do poder político, mas — na verdade — este já se fazia sentir desde muito antes. Gandavo registrou que o Brasil tinha a forma de lira como uma feliz augúrio. E por isso talvez que uma certa corrente firmou "jurisprudência sentimental", como diria Carlos Maximiliano ("Hermenêutica e Aplicação do Direito"), conferindo, erroneamente, ao sublime poeta canarino as glórias exclusivas da fundação, por ter sido ele o mestre-escola, o enfermeiro, o conselheiro, o dramaturgo, o cronista, e o cantor da metrópole que nascia. Embora tenha sido Anchieta, na feliz expressão de Hélio Abranches Viotti, "a alma de São Paulo de Piratininga", e na de Azevedo Amaral, "uma extraordinária combinação da força propulsora do idealismo místico e de notáveis aptidões práticas e executivas", nada poderia ter feito, ou pouco, sem os ciclopes que a ele irmanavam na mesma e grandiosa faina. Homero, relembre-se, era mais um canto do que um cantor. "Mutatis Mutandis" é o que se pode alegar com relação a Nóbrega, que encontrou em Tito Lívio Ferreira seu biógrafo definitivo, carinhoso mas não intolerante em sugestivo trabalho (cujas linhas gerais convergem para o presente ensaio). Ímpar não só pelo excelente esforço cultural, como também, e acima de tudo, pela superior e arejada mundividência histórica.

(1) — Na verdade é problema do tempo em História, (a qual segundo Haley pode ser acelerada) está ligado também, sob certo aspecto, a um drama de recordação, como não escapou a André Bridoux, em "Le Souvenir". Tanto na primeira, como na segunda, dá-se uma nossa identificação com a região de nossa

atualidade, uma reatualização de nossa ancestralidade mística, um nosso reencontro com o que temos (e em consequência a descoberta do que somos e seremos). A seleção e a empatia que presidem, ou devem presidir, a síntese histórica, aproximam-se bastante da escolha, feita pela memória dos dados que deverá conservar. A lembrança e à História aplicam-se estes conceitos de Bridoux, à página 21 de seu penetrante livro, acima referido: "Les souvenirs ont pour toncion d'assurer non seulement adaptation individuelle, mais aussi noter adaptation sociale". Considerações gerais sobre o tema, encontram-se, outrossim, em Silvio Rabelo, "A Representação do tempo na criança".

(1-A) — Para a altivez, a sobranceira e o sentido de independência que sempre caracterizaram o paulista, contribuíram, além do aspecto geográfico de que trato em meu livro "O Conceito de História", outros de caráter sócio-econômico, estudados por Alfredo Ellis Junior em seu arejado trabalho "Raposos Tavares e Sua Época". Por que seu clima e sua terra não eram como em Pernambuco, favoráveis à cultura canavieira. São Paulo viu desviado para essa capitania nordestina todo o auxílio e todo o interesse reinol, que lhe trouxe grande riqueza, e desenvolvimento, vendendo-se por conseguinte, na áspere contingência de ainda, infante, bastar-se a si mesmo, em todos os ângulos, quer psicológicos, quer econômicos. Daí o bandeirismo de préia.

Na coletânea "O Pensamento Vivo de Carvalho Neto", organizada por seus descendentes, escreveu esse jornalista, jurisconsulto e político, que Sergipe, embora fôsse estado litorâneo, estava insulado pelo próprio mar, pela impraticabilidade de seus portos, inclusive, os fluviais. Não seria esse ilhamento, perguntamos nós, a causa da emigração do sergipano, que desta forma procura mesmo uma forma de realização, como o atesta o puzilo de talentos com que o referido estado tem engrandado a pátria?

(2) — Não se confunda, entretanto, esses termos com os de "status" e "civitas", (que significam a transformação progressiva dos costumes, a humanização dos sentimentos, a substituição da violência pela razão) tirados a Spencer e que o mesmo Piccarollo se repete, em sua obra "A Guerra e a Paz na História", estudo interessantíssimo que, visando mostrar que as guerras, por suas causas inúmeras, não são um fenômeno natural e intrínseco das sociedades humanas, acaba, contudo, por nos convencer da tese contrária.

Sobre ainda o aspecto sociológico da fundação, estas considerações de Santo Thomaz: "Precisa, portanto, o fundador da cidade e reino primeiro escolher o lugar conveniente que conserve em saúde os habitantes seja, suficiente pela fertilidade a subsistência, deleite pela amenidade e proteja dos inimigos pela inexpugnabilidade".